O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1084

10 de Fevereiro de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um correspondente da capital para o *Clamôr de Moimenta* queixa-se amargamente da crise de talentos e de aptidões por que está passando o theatro português, e acaba por dizer aos leitores do seu semanario (politico, litterario, critico e noticioso) que quando vierem a Lisboa e não souberem onde passar a noite, antes vão para os animatografos ou para o circo do que para qualquer dos muitos theatros que por cá lhes escancaram as portas.

Eu não sei quem seja este collega de Moimenta e pode muito bem ser que apenas se trate de algum critico da provincia despeitado contra qualquer actrizita do Theatro da Avenida que não correspondeu suficientemente ás demonstrações de affecto com que elle a assediou. Mas muito bem fala quem quer que elle seja, e não serei eu quem deixe de abundar nas suas ideias.

Aqui ha uns trinta annos, havia em Portugal uma larga pleiade de actores admiraveis, prestigiosos, sensacionaes. Estava-se talvez na edade de ouro da nossa arte dramatica. D'esses artistas subsistem ainda alguns, que vão já no ocaso da sua carreira fulgurante. Os mais d'elles morreram já, e ainda não foram substituidos, e quando deixarem a scena os raros que ainda trabalham d'essa geração bella de artistas selectos e geniaes, ainda o vacuo será mais sensivel, mais desolador, embora haja por ahi um ou outro artista novo de boas faculdades e calorosa intuição. Mas os grandes actores que precederam immediatamente os de agora quasi não deixaram continuadores, pelo brilho, pela paixão, pela sublime elevação da sua arte. Não era uma arte retrograda, romantica, exuberante, como poderão supôr os novos que frequentam theatros, mas uma arte natural, feita de muita compreensão e sentimento, d'uma intuição e devoção pasmosas, profunda, cheia de energia e de lição.

Pois d'essa rutila geração de artistas dramaticos, muito poucos, talvez nenhum, tinham frequentado o Conservatorio. Fizeram todo o curso da sua arte no theatro, onde talvez entraram timidos, mas onde depressa se ergueram ás culminancias excepcionaes dos grandes, dos eleitos, dos inspirados.

Não cursou o Conservatorio Antonio Pedro, genio inegualavel na sua arte, portentoso tanto no drama como na comedia, como na alta comedia, como na farça, como na ligeira e desopilante scena comica. As suas creações sublimes ficaram nitidas no espirito de quem as viu, como ficam vivas nas almas as humanissimas figuras de Balzac. Não era um actor de escola antiga, que nem elle tinha escola, era um genio da scena, na qual com a mesma espontaneidade e força fazia chorar ou rir, empolgando a attenção, dominando os sentidos de todo um publico de que elle se fazia adorar com delirio.

O coveiro do Hamlet foi uma das suas creações. Estava já doente, gasto, quasi inhabilitado. Mas com que justissima naturalidade elle fez aquelle pequeno papel de coveiro filosofo, que profunda intuição teve d'aquelle tipo shakspereano, como o caracterizou, como declamou!

Havia então tambem o Ribeiro, outro actor genial, Brazão estava a tocar o maximo da sua gloria, Joaquim de Almeida e os Rosas tinham-se já imposto como actores de vulto. Polla distinguia-se pela sua maneira impeccavel de dizer, Rosa Damasceno era já a adoravel ingenua da alta comedia que não tinha emula, Taborda triunfava ainda com o seu feitio especial de comico naturalista, sobrio, sem ninguem que no seu genero o excedesse nem em Portugal, nem em parte alguma do mundo, e com estes, outros ainda se revelavam distinctos, prestando á scena portuguêsa muito luzimento e muita honra.

Costuma-se dizer que os povos têm os governos que merecem. Pode-se dizer tambem que o publico dos nossos theatros de hoje tem os actores que merece. Nem mais nem menos.

O nosso actor de agora sabe isto, e entende que não precisa fazer mais do que faz para agradar e para viver. Não é um artista, é um amanuense. Vae para o palco como se fosse para a repartição. O que elle faz em scena não é arte: é o expediente. Elle não cria nem interpreta personagens: exerce funcções. Ser actor, assim, não é fazer do theatro uma profissão: é fazer do theatro um emprego.

O publico das nossas platéas é uma grande familia de empregados publicos. Sabe o que a vida custa, e desculpa ao actor os meios de que elle se serve para ganhar a vida.

Não é, portanto, exigente. E' benevolo.

O actor, que não deu attenção á deixa, não entra em scena a tempo. E o espectador sorri, pensando: «Ora, ora! quando é que eu tambem entro a tempo na minha repartição!»

O actor, que não estudou o papel, perde o fio d'um monologo, e fica-se. E o espectador sorri, dizendo com os seus botões: «Ora, ora! quantas vezes me aconteceu aquillo mesmo no Instituto, ou na Politechnica!»

O actor, que não se importou com os ensaios, sae por uma porta devendo sair por outra; fala alto devendo falar baixo, levanta-se devendo ficar sentado, braceja devendo cruzar os braços, hesita, gagueja, embrulha tudo, atrapalha-se, mette os pés pelas mãos. E o espectador sorri, desculpando tudo, e dizendo: «Ora, ora! quantas vezes, na vida real, nos acontece aquillo mesmo!»

Nestas condições, o actor entende, e entende muito bem, que não precisa inquietar-se, nem atormentar-se.

Não estuda, não observa, não compara. Cuida que para ser actor

D. MATHEUS DE OLIVEIRA XAVIER

NOVO PATRIARCA DAS INDIAS ORIENTAES

lhe é bastante a vocação de que deu prova nos theatros de amadores e nos theatros de feira. Ha livros que ensinam a estar em scena e a declamar em scena: elle não leu nunca um d'esses livros. Ha uma aula de arte dramatica no Conservatorio: elle sorri, desdenhosamente, á flor dos labios, se lhe falam de frequentar essa aula. Ha ainda uma coisa, a que se chama arte de viver na sociedade e que mesmo fóra do theatro aproveita a muita gente boa; e o nosso actor, proveniente em geral de classes que têm mais em que pensar, voltará todavia as costas, melindrado, a quem ouse insinuar-lhe a necessidade de penetrar um pouco mais nos segredos amaveis d'essa arte.

O nosso actor não admitte o dizer-se-lhe que elle é, em geral, um ignorante. Confunde a ignorancia com a estupidez. O grande erro da sua vida consiste precisamente nesta confusão. Porque a verdade é que se elle se compenetrasse da sua ignorancia, como se compenetrou da sua esperteza, salvava-se. O mal é elle supôr que essa esperteza supre tudo quanto se lhe diz que elle precisaria aprender.

Essa especie de instincto pelo qual se adivinha, se descobre ou se conhecé o que é, ou o que deve ser, é muito raro nos actores. Dos nossos, entre os mortos, só um a teve, verdadeiraménte. Entre os vivos, que são muitos, raros a possuem.

Os francezes dizem: «Tout le monde peut devenir cuisinier, mais on nait rotisseur» — o que em português quer dizer: Toda a gente sabe cozinhar, mas o segredo do assado é um dote da natureza. No theatro dá-se o mesmo que na cozinha; toda a gente pode saber representar, mas o segredo do actor nasce com elle.

Uns, predestinados, nasceram actores. Outros fizeram-se actores. Mas isto não implica desdouro para os outros. De nenhum modo. Antes redunda em elogio das qualidades de intelligencia e de vontade de que poderam dispôr para chegar a ser, por teimosia, aquillo que outros já eram de nascença.

Resta saber se o conseguiram apenas pela sua intelligencia e pela sua força de vontade. Não. Não foi só por isso. Foi tambem, e muito, pela complacencia do publico!

O nosso publico teve sempre um fraco pela gente de theatro, pelos comicos, como tão apropriadamente se lhes chamava ainda no tempo da Senhora D Maria II. Cada espectador das nossas platéas teria dado um dia em actor, se as diversas circumstancias da sua vida o não houvessem desviado para outro officio. Os theatrinhos de amadores constituem ainda hoje um dos nossos dilectos entretenimentos, a despeito de todos os modernos e variados generos de *sport* e passatempos de sala, que d'ahi têm afastado uma parte da nossa sociedade, incluindo a Mocidade Catholica. Nos nossos melhores collegios, onde existe o internato, um dos recreios mais em uso é o theatro improvisado, com recita para as familias dos alumnos no dia em que se parte para férias. Ainda ha pouco, no fim de um dos ultimos annos lectivos houve uma d'essas recitas no Real Collegio Militar, onde alguns dos nossos futuros coroneis e tenentes-coroneis representaram a capricho, e penteados á Cléo de Merode, as *Semi-Virgens* ou coisa semelhante. Na Universidade, é tradicional a recita do 5.º anno, em que os bachareis formados, com a carta do curso já mettida na mala, e promptos para a vida a sério, se despedem de Coimbra em trajes de tricana, de pespontada chinelinha de verniz, e cara rapada para o effeito de melhor dar a illusão do outro sexo!

Por isso o actor se encontra sempre rodeado de fartas simpatias, e de tão affectuosas deferencias; por isso elle faz o que faz, e faz o que quer, sem que ninguem se queixe...

Sem que ninguem se queixe, não: Honra seja feita ao nosso desassombrado collega do *Clamôr de Moimenta!*

JOÃO PRUDENCIO.

D. Matheus de Oliveira Xavier

Patriarca das Indias Orientaes

Por decreto de 31 de dezembro de 1908 foi nomeado Patriarca das Indias Orientaes Sua Ex.ª Rev.ma D. Matheus de Oliveira Xavier, que na India portuguêsa tem prestado relevantes serviços, como se vê das breves notas biograficas que nos foi possivel obter e que passamos a referir, como o mais eloquente elogio que se póde fazer á sua capacidade e virtudes, que o tornam digno da alta missão a desempenhar, naquelle outrora imperio português, onde tudo terá derruido, mas não a fé e crença de nossos maiores.

O Sr. D. Matheus de Oliveira Xavier nasceu em 14 de outubro de 1858 na povoação de Valle-da-Urra, freguesia de Villa de Rei, comarca da Certã, distrito de Castello Branco.

Descendente de uma antiga familia do concelho de Villa de Rei, é filho de Joaquim de Oliveira Braz e de D. Maria de Oliveira, honrados proprietarios, que timbraram sempre pela sua honestidade, legando a seus filhos um nome sem macula.

De tenra edade foi levado por seus tios pater nos para a Fundada, residencia de seus avós paternos, e ali lhe ministraram os primeiros conhecimentos de instrução primaria, mandando-o depois para a Certã estudar latim e ali se distinguiu pelo seu talento e aplicação, vindo fazer exame de latinidade ao liceu de Santarem; na Certã e sob os ensinamentos do então professor oficial padre Joaquim Pedro Pereira, recebeu uma solida instrução latinista, de forma que ainda hoje S. Ex.ª fala e escreve correctamente o latim, como para S. Ex.ª não tem segredos o francês, o inglês e até o concani indiano, linguas que fala in distintamente e com toda a correção.

Em outubro de 1874 foi S. Ex.ª mandado por seus tios para o seminario patriarcal de Santarem a estudar sciencias eclesiasticas, e concluidos ali os seus estudos teologicos, foi para Castello Branco, sede então da sua diocese, a preparar-se para receber ordens e acompanhar e dirigir seus irmãos no estudo dos preparatorios no liceu daquella cidade.

Ordenado de presbitero em 1881 e tendo seus irmãos concluido os preparatorios liceaes, seguiu com elles para Coimbra e ali, emquanto elles se distinguiam nas sciencias mathematicas e medicas, S. Ex.ª seguia a sua formatura em teologia concluindo-a com notavel distinção em 1888.

Em Coimbra foi capelão no convento de Santa Clara e na Universidade; foi presidente da Conferencia de S. Vicente de Paula, associação filantropica constituida por estudantes.

Neste mesmo anno foi nomeado professor de sciencias eclesiasticas e diretor espiritual no colegio das Missões Ultramarinas em Sernache do Bomjardim, cargos que desempenhou até 1893.

Neste anno o falecido Patriarca das Indias, D. Sebastião Valente, vinha de licença ao reino retemperar a sua saude abalada, e conhecedor das raras qualidades do dr. Matheus Xavier, convidou-o para seu secretario particular, cargo que S. Ex.ª aceitou seguindo para a India com o Ex.mo Patriarca D. Sebastião Valente em 11 de janeiro de 1894, e a 5 de março davam os dois entrada em Goa.

De caminho para a India foi Cochin a primeira terra que S. Ex.ª pisou desembarcando ali a 18 de fevereiro para na companhia do Sr. D. Valente visitarem aquella diocese sufraganea, ao tempo governada por D. João Gomes Ferreira, que mais tarde S. Ex.ª foi substituir como bispo de Cochin.

Em Goa e comulativamente com o logar de secretario do falecido Patriarca, foi nomeado Desembargador da Relação Metropolitana, Juiz da Secção Pontificia de Recurso e, finalmente, Reitor do Seminario de Rachol, e aqui S. Ex.ª desenvolveu prodigiosa actividade, reformando o Seminario completamente com novos estudos preparatorios e teologicos, uma orientação moderna em programas escolhidos, e com autorisação do governo e breve pontificio, creou ali a faculdade de teologia, tornando assim o Seminario de Rachol o primeiro e o melhor de toda a India.

Em 30 de janeiro de 1898 era sagrado Bispo de Cochin na Sé Primacial e Patriarcal de Goa, seguindo logo para a sua diocese onde chegou a 5 de março do mesmo anno.

Ao chegar a Cochin, o seu primeiro cuidado foi levantar dos escombros a atual Catedral, que hoje se ergue elegante e airoso nas suas linhas arquitonicas, sendo o melhor templo do sul da India.

A Catedral fôra começada por D. João Gomes Ferreira, antecessor de S. Ex.ª, e estando já coberta a nave central, veio tudo completamente a terra, derruido por um terremoto numa noite de temporal, em abril de 1897.

Dizem que esta derrocada foi a causa da morte do santo Bispo Ferreira, que vendo-se sem recursos para a reedificar sahiu para Goa, onde veio a falecer dias depois (4 de junho) não falando durante a doença senão na sua amada Catedral.

Em Cochin, S. Ex.ª procedia como em Rachol, e ao mesmo tempo que reedificava a Catedral, fazia varias reformas nas escolas de ensino primario e superior; fundava umas, ampliava outras e elevava tres dellas a *High-Schoelo* (liceus), duas para rapazes e uma para meninas, habilitando assim uns e outras para se matricularem nas Universidades indianas, dirigidas e administradas pelo governo inglês.

Solicito no governo e administração da sua diocese, durante os dez annos do seu governo, tres vezes a visitou de uma extremidade á outra, não omitindo as mais humildes capelas; desdobrou varias freguezias, fundou outras novas, dando a todas uma nova forma de administração concentanea com os costumes da India, é certo, mas em harmonia com a moderna orientação sociologica, em que se molda o espirito liberal de S. Ex.ª

O Sr. D. Matheus Xavier com justo direito se póde orgulhar de que, ao legar a sua diocese ao seu sucessor, a deixa aumentada em um quinto, devido á boa orientação e disciplica do seu clero, o qual nos ultimos tempos tem dado provas inequivocas da sua abnegação e desinteresse em socorrer os empestados do colera que invadiu o Malabar. Ainda aqui S. Ex.ª foi o primeiro a dar o exemplo, sendo nesse campo atingido por uma infecção colerica que o obrigou a retirar á pressa para Portugal, estando por vezes a sua vida em perigo durante a viajem, mas hoje felizmente o seu restabelecimento é completo e S. Ex.ª sente-se com forças para em breve entrar no seu Patriarcado e continuar a obra do seu entecessor de saudosa memoria D. Sebastião Valente.

Por esta simples resenha se vê quanto foi justa a nomeação do novo Patriarca das Indias que, em breve dará entrada no seu padroado, devendo chegar á India por todo o mez de maio, e onde será recebido com grande alegria por aquelles povos.

Felicitando S. Ex.ª pela sua elevação a Patriarca das Indias, egualmente felicitamos seu irmão o sr. dr. Aniceto Xavier, distinto medico em Castello de Vide.

A natureza contra o homem

Por mais corajoso que o homem seja, poucos haverá, decerto, que não receiem os perigos com que a natureza constantemente nos ameaça.

E' possivel lutár contra um bando de malfeitores que nos invadam, n'uma estrada, é ainda possivel lutár contra uma féra, mas a luta que se estabelece entre a natureza e o homem é, manifestamente, uma luta em que este ultimo, como mais fraco, tem de fatalmente submeter-se á vontade d'aquélla que dispõe de elementos de combate muito mais temiveis, e contra os quaes, o homem é demasiado fraco para os egualar.

O homem, que é considerado como o mais forte de todos os seres da creação, possue uma força relativa, se a compararmos com os meios de que a natureza dispõe para entrar em renhido ataque contra elle.

Que somos nós, perante um colosso de força, como é a natureza? O mesmo que qualquer pequeno inséto que o homem, instantaneamente, esmaga entre os dedos, eliminando-lhe a vida, d'um lapso de tempo imperceptivel.

E' assim que, da mesma forma que a vida d'esses insétos se acha sempre amêaçáda pela mão destruidora do homem, por seu turno, a vida d'este, acha-se sempre submissa á vontade da natureza que, no espaço d'um minuto, póde, com os meios que tem ao seu alcance, destruir milhares de vidas.

Poderemos nós dormir socegados, certos de que acordaremos no dia seguinte, no meio de nossa familia, revêr as paisagens que quotidianamente observamos, achar os objetos no mesmo logar onde os deixámos de vespera? Em uma palavra, o planeta em que vivemos, dar-nos ha um completo exito de segurança, para não duvidarmos dos seus caprichos?

Passemos em revista, um pouco rapidamente, é claro, todas as formas como a natureza póde demonstrar que não cessa constantemente de mostrar ao homem a sua superioridade e assim obteremos a resposta da nossa objeção.

Em primeiro logar, citaremos uma das formas mais terriveis, mais pavorosas, de destruição, aquella de que acaba de ser victima a formosa cidade de Messina, facto este que nos sugeriu o presente artigo.

Tremores de terra. Atuálmente existem 323 vulcões activos na superficie da terra. O globo

terrestre condensa-se e diminue de volume á maneira que vae perdendo o seu calor primitivo. Constantemente o terreno se deprime, quer pela acção das aguas, quer pelas forças interiores do globo, etc.

Esses movimentos da terra, que se acha ainda em plena actividade, conhecidos pelos nomes de *abalos, seismos* ou *tremores de terra* são um dos meios de destruição instantanea de que a natureza dispõe para aniquilar uma enorme porção de vidas humanas, porção esta que, no ultimo terremoto de Messina, se tradusiu por um numero equivalente a 200:000 victimas.

O homem descança, durante a noite, das suas fadigas do trabalho, sendo despertado bruscamente por um forte abalo, por um ruido longiquo semelhando o rodar de uma carruagem. Em torno d'elle tudo oscilla, os sinos das egrejas repicam. As portas do nosso quarto, as paredes, os objectos estalam. A louça, os vidros, os objectos frajeis quebram-se, a luz apaga-se, a casa toda estremece. O homem levanta-se, sae e presenceia, quando na rua, um dos maiores cataclismos que se lhes tem deparado. A sua querida villa, cidade ou aldeia acha-se em ruinas, victima de uma enorme catástrofe, contra a qual a sua força, a sua coragem nada poude fazer.

Esse homem, que foge ao perigo, sahindo de sua casa é, porém, victima de um desmoronamento de um predio que o esmaga instantaneamente e o transforma bruscamente de um ser vivo, que era, em um ser inerte, sem vida, sem movimento, sem acção propria. Foi a morte que d'elle se apoderou sem que elle tivesse, meia hora antes, suposto tal desenlace. Esse homem que ainda na vespera era um ente robusto, gosando de perfeita saúde, trabalhando para angariar os meios de subsistencia para os seus, não é agora mais do que uma massa inerte.

Ondas sismicas Como consequencia do primeiro facto citado, muitas vezes succede que as ondas do mar tomam um grande volume, avançam, penetrando nos locaes onde ha pouco existia a terra firme, elevando-se o seu nivel ao ponto de submergir villas ou cidades inteiras, arrastando as correntes impetuosas, com a sua força, os edificios, as arvores, tudo que se encontra sobre a sua passagem, que segue o movimento das aguas como se obedecessem a uma grande força magnetica que os atrahisse.

E n'este movimento de corrente, quantas mil almas poderão perecer, sujeitas tambem a esse movimento atroz e indescriptivel. O homem não póde luctar contra a força das aguas e consequentemente perde o equilibrio, sendo arrastado pela força das correntes sem que nenhum meio de salvamento tenha a seu dispôr.

E não é só o homem, em terra, que póde ser victima d'esses movimentos, mas tambem aquelles que se acham a bordo, pois as pequenas embarcações, os navios, mesmo, são arrancados com violencia para onde a força da corrente os pretender levar, muitas vezes a uma distancia enorme d'aquella onde se encontram, o que origina a destruição total de tudo quanto se acha ao alcance da tempestade sismica.

Bolidos. Um bolido de proporções gigantescas e pesando a bagatella de 50 a 60 mil kilos apresenta-se no ar como uma sombra negra e nós vemol-o sob nossas cabeças, ameaçando-nos. A sua velocidade no espaço indica-nos que em breve estará sobre nossas cabeças. Com effeito, pouco depois esse enorme aerolitho cahe sobre uma cidade e todos aquelles que ha pouco viviam tranquillos, desappareceram para sempre do rol dos vivos.

Londres, cidade onde predomina o movimento, a animação, a atividade, onde tudo respira um bem estar, onde é curioso observar a vida que ahi predomina, as suas ruas cheias de transeuntes, uns que passeiam nas suas carruagens, nos seus automoveis, nos sens cavallos, etc., outros que, a pé, transitam de rua a rua, apressadamente, seria rapidamente transformada em um montão de ruinas, caso fosse sujeita a um cataclismo semelhante áquelle que acima descrevemos.

Raios. O calor é ardente, o verão está em plena actividade. Todos se dirigem para os campos, onde possam gosar uma temperatura muito apraSivel. Durante as ferias o homem descança das suas fadigas, socegadamente em sua casa, junto dos seus, sentado á varanda da habitação campestre, fóra do turbulento viver da cidade. O sol brilha, irradiando para a terra um calor ardente. Subitamente, o ar escurece, uma trovoada está prestes a lançar para a terra os seus raios de fogo.

Esse homem que ha pouco estava tranquillo com os seus, perdeu instantaneamente a vida, pois que um funesto relampago lhe annunciou que ia ser victima de um raio que em breve espaço lhe incendiou a casa redusindo-a a cinzas.

Tempestades. As tempestades podem produzir effeitos funestos em terra, por meio de innundações que por vezes são perniciosas, alagando as terras, devastando sementeiras e outras culturas, e quando a agua é a jorros, póde causar a perda de algumas vidas se o nivel das aguas sobe muito acima do normal. Os rios sahem fóra dos seus leitos, transbordam, penetram em terra firme, subindo as aguas, por vezes, a alturas de quarto e quinto andares o que manifestamente se traduz em estragos que muitas vezes são as proprias vidas de familias inteiras.

As tempestades no mar, podem originar os naufragios que tantas vidas elimina, arrastando o navio ao fundo dos oceanos e ocasionando prejuizos por vezes incalculaveis.

Furacões e ciclones. A força do vento é, por vezes, tão violenta que o homem não a póde dominar. As arvores mais fortes são arrancadas, as chaminés das casas são derrubadas, o homem não podendo equilibrar-se, cahe em terra desarmado, sendo, ás vezes, as quedas tão desastrosas que lhe dão a morte. As ondas do mar são tumultuosas e por vezes os barcos que andam á superficie das aguas são levados pelas ondas a alturas superiores á de um edificio e envolvidos em turbilhões que os fazem girar, despedaçando-os.

Em 10 de outubro de 1780, a ilha de Santa Lucia soffreu um dos maiores ciclones de que ha memoria. Partindo das Barbadas, onde não ficou uma arvore e um edificio salvo, o ciclone fez desaparecer por completo uma esquadra inglêsa que ahi fundeára, e mais de 6:000 pessoas foram victimas do desastre.

Avalanches. As massas de gelo que se desprendem das rochas e cahem subitamente das altas montanhas para as planicies, dão muitas vezes origem a grande numero de perdas de vidas, como frequentemente tem succedido na Suissa, no Monte Branco, etc.

Quando a camada nova de flocos de neve não adério ainda ás camadas de neve anteriores, basta ás vezes a passagem de um animal ou a queda de um pequeno tronco de arvore para romper o equilibrio e rapidamente o desmoronamento manifestar-se, e d'ahi nasce a avalanche, que arrasta tudo quanto encontra na sua passagem.

Insolações. O calor ardente do sol na estação estival, sendo por vezes superior ao normal, produz em as insolações que são frequentes em New York, em Paris, em Londres, etc.

Em 1800, no departamento da Eure (França), a floresta d'Haguenau tornou-se a presa das chammas, devido á séca do ar e calor intenso dos raios solares, contando se muitos casos de raiva e muitas vitimas de insolação. Em 7 de julho, o calor era abrasador, a atmosfera abafada, recebendo se o calor por baforadas, o que paralisou a respiração a muitas pessoas.

Frio. A temperatura, descendo abaixo do normal, póde ser funesta ao organismo e muitos, não podendo supportar os frios rigorosos, succumbem. A agua gela, os rios deixam de ser uma superficie liquida para passar a ser uma massa solida, escorregadia. Nos rios da Russia o gelo chega a atingir a espessura de um metro.

Em Paris, no inverno de 1789, o frio acentuou-se desde o fim de novembro, durando cerca de 50 dias consecutivos. A agua gelára nos poços, o vinho congelára-se nas caves. O frio foi prejudicial aos homens, aos animaes e aos vegetaes. Muitos viajantes pereceram nas neves. Em Lemberg, na Galicia (Austria) 37 pessoas morreram de frio em dois dias, os peixes morreram nos tanques, etc.

Outras causas haveriam ainda a considerar, mais secundarias, que perturbam o equilibrio da vi 'a na terra, mas o artigo vae longe e os que nos leem já avaliam bem pelo que dissémos os perigos constantes que pesam sobre nossas cabeças.

E' claro que nos referimos unicamente, nas causas que citámos, a factos que succedem em geral todos os annos e que não perturbam a harmonia das leis da natureza.

Efectivamente, os abalos de terra, as tempestades, o frio, o calor e as suas consequencias são factos de que é raro o anno que não conduzem a efeitos funestos. Os bolidos, embora não sejam de uma frequencia tão assidua, são fenomenos que teem sido presenceados bastas vezes para que os possamos incluir tambem dentro do grupo que considerámos.

Se partissemos d'este campo de fenomenos para aquelles que poderiam tambem ser causa de perniciosas consequencias (encontro de um cometa com a Terra, diminuição do calor solar, modificação de climas, etc.), poderiamos egualmente concluir que na natureza não ha um momento de repouso para o homem e que este deverá sempre receiar dos perigos que pódem sobrevir n'esta massa immensa gazosa que nos envolve e em cuja esféra vivemos: a *atmosfera*.

E' que o homem deverá sempre ter em vista que foi feito do nada, e ao nada ha de voltar.

ANTONIO A. O. MACHADO.

O ACTOR QUEIROZ

Com a despedida do anno de 1908 se despediu tambem do teatro o actor Queiroz, que durante mais de meio seculo viveu á luz da rampa, ora em personagens de comedias, ora num vasto repertorio de operetas e revistas, sempre distinto, sempre aplaudido, grangeando, como poucos, uma enorme popularidade.

Extranho temperamento o deste artista, que soube aliar a vida livre do teatro com a conduta mais metodica, honesta e irreprehensivel, num perfeito equilibrio dificil de conciliar no meio em que viveu.

Queiroz foi actor como poderia ter sido conselheiro, serio, circunspéto e grave.

Raymundo Queiroz Sarmento, nasceu em Lisboa em 1832, pouco antes da extinção das ordens religiosas, e por isso não lhe deu a tentação de ser frade, para que tinha e tem toda a envergadura, não lhe faltando a bella voz de tenor abaritonado para entoar os psalmos dos oficios divinos, á luz fumarenta dos cereaes, ora sentado no largo cadeirão de espaldar, ora em frente da estante giratoria, onde se encostam os grandes livros de coiro com suas folhas de pergaminho todas desenhadas de quadradinhos pretos das notas do cantochão.

Escapou dessa e nós tambem, porque não teriamos tido o prazer de o ouvir no *Barba Azul*, no *Giroflé-Giroflá*, nos *Sinos de Corneville*, na *Filha da Senhora Angot*, no *Boccacio* e em quantas mais operetas em que elle fez ouvir a sua béla voz, san como um pêro, sem confeição, conforme Deus lha deu.

São em tudo, na vida e na arte, que elle aceitou como um dever, dever que cumpriu, não diremos religiosamente, visto que não foi frade, mas corretamente como os que timbram em corresponder a seus compromissos.

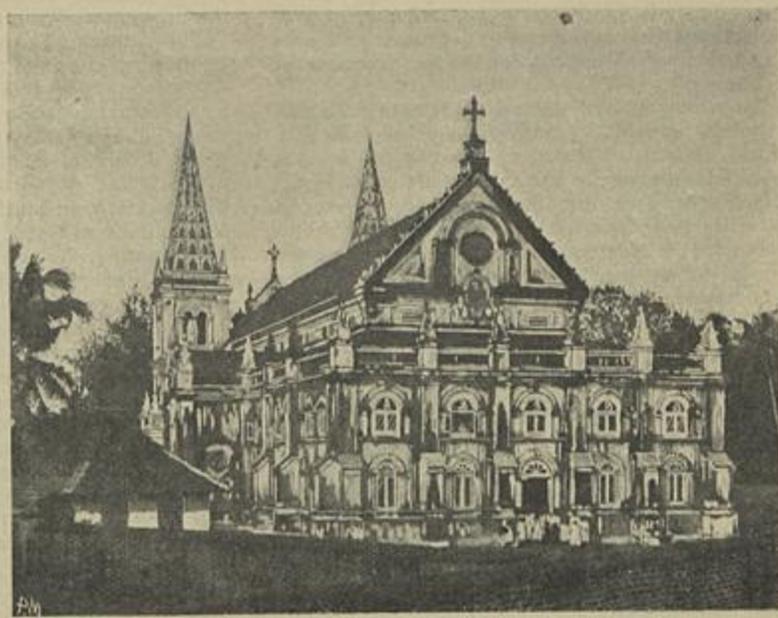
Cincoenta e sete annos mourejou pelos palcos, meio seculo e contrapezo, e se delles se despediu com saudade, queremos crêr, o publico não lhe ficou atraz, como bem lhe manifestou nessa despedida.

Seria uma ingratidão o contrario, porque Queiroz divertiu o, alegrou-o, fez-lhe passar horas descuidadas das tristezas da vida por cincoenta e sete annos fóra, em que muitos o principiaram a aplaudir tão novos como elle e a aplaudil-o se fizeram como elle velhos.

Desapareceu o secular teatro da Rua dos Condes, onde Queiroz se estreiou, em 1851; desapareceu o teatro de D. Fernando, por onde elle passou de 1855 a 1858, quasi tanto tempo como aquella malfadada casa de espétaculos durou; desapareceu o teatro do Salitre, crismado em 1858 com o nome de Variedades e que elle foi inaugurar no seu passageiro rejuvenescimento; todos esses palcos de suas glorias elle verá perdendo-se lá ao longe, nas lembranças da sua mocidade, e com elles quantas palmas que o aplaudiram vibradas por mãos que a terra já consumiu; quantas corôas e flôres viçosas o coroaram, que de ha muito estão sêcas e em pó. São os despojos de uma batalha que elle contemplará agora com saudade, a batalha da vida onde elle alcançou assinaladas vitorias.

Essas são as recordações de mais de cincoenta annos, dos bons tempos das *Intrigas no bairro*, em que Queiroz reproduzia á verdade o tipo genuino do sapateiro remendão, personificado no mestre Jacinto, cantando largas tiradas do *Trovador*, transformado em musica comica, que tanto popularisou a opera como o actor, revelando a sua boa disposição para a opereta.

E foi na opereta que Queiroz mais brilhou no teatro da Trindade, nos ultimos quarenta annos, quasi tanto como aquella casa de espétaculos tem de construida.

Que deliciosas noites ali se passaram com as operetas e magicas, *Barba Azul*, *Fausto o petiz*, *Segredo de uma dama*, *Cruz de oiro*, *Filha da Senhora Angot*, *Giroflé-Giroflá*, *Marselheza*, *Si-*

A NOVA CATEDRAL DE COCHIN

Vista da frontaria e parte lateral, no dia da inauguração — Vista posterior da capela-mór e sacristias

nos de Corneville, *Dragões de El-Rei*, *Noite e Dia*, *Gata Borralheira*, etc., em que Queiroz se destacava entre Isidoro, Augusto, Leone, Ribeiro, artistas de primeira grandeza, que então formavam o conjunto mais completo e harmonico que temos visto em teatro, do qual só Queiroz é o sobrevivente.

E que por muitos annos o seja, ainda que vá vendo com magua em quanta decadencia vae o teatro português, com o desaparecimento da cena de tantos artistas que lhe deram glorias.

Queiroz quiz agora descançar; isso devia ter traçado no plano da sua vida metodica, ordenada. Reformou se, não á sombra da lei do Estado que pouco lhe importa com os seus cincoenta e sete annos de trabalho, mas á sombra das suas economias, o que é mais um documento honroso para o venerando artista.

Deixando o palco, onde a arte lhe sorriu tanto como a sua boa estrela, não o fez sem experimentar mais uma noite de virente festa, como tantas conta em sua vida, e nella teve a prova de quanto ainda era querido das plateias, onde tinha por amigos e admiradores o geral do publico.

A grande sensação de assistir aos triunfos dos seus trabalhos, aplaudidos e vitoriados pelo grande publico, experimenta a tanto o orador que arrebata as massas, como o actor que levanta as plateias. Essa sensação experimentou a muitas vezes Queiroz, mas se a não hovesse sentido na sua gloriosa carreira, teria agora a maior de todas as comoções ao ser alvo da manifestação carinhosa de indiscritivel entusiasmo, que lhe fizeram na sua noite de despedida, no teatro da Trindade, o palco das suas glorias.

Caetano Alberto.

INTERIOR DA CATEDRAL DE COCHIN

Vista da capela-mór para o côro, no dia da inauguração, vendo-se no pulpito o bispo D. Matheus pregando ao grande auditorio

(De fotografias)

THEATRO DA TRINDADE

A opera «Carmen»

A tentativa de Affonso Taveira iniciando entre nós a opera nacional, vae fazendo caminho, a que propositadamente não adicionamos adjetivos para não arreliar os pragoentos, os pessimistas, os criticos faceis, que quereriam vêr na Trindade, os cantores afamados, da Grande Opera de Paris ou de Londres, a 800 réis a cadeira no modesto teatro português, quando a não pedem, por seus bonitos olhos, de graça ao empresario.

Temos notado no teatro que o publico pagante, é, em geral, o que melhor se contenta, o que se mostra sempre mais rasoavel, e o que aplaude com verdadeira vontade sempre que a representação realmente lhe agradou.

E tanto isto é assim, que é quasi sempre elle que abafa e se insurge contra as pateadas, dos que lá vão de caso pensado para deitar abaixo as peças.

Isto que vem aqui muito singelamente dito, é como que para fazer fundo em que melhor destaque a tentativa da opera nacional, que a muitos se afigurava talvez uma utopia, mas que afinal vae triunfando em toda a linha, tanto quanto o permite os recursos de que por ora póde dispôr.

Já não é pequena a conquista, dizemol-o sem paixão e apenas com um bocadinho de amor patrio, que infelizmente vae rareando, desde as dedicações civicas para o salvamento da causa publica, até aos palitos de esgaravatar os dentes, em que vão sendo preferidos os de origem japonêsa, perfumados, cheirosos, amarellos, emquanto os portuguêses, são brancos, deslavados, sem sabores, de pau de salgueiro, até aqui considerados os primeiros do mundo.

O ACTOR QUEIROZ

Ora se os palitos portuguêses são os primeiros do mundo, não diremos o mesmo dos cantores, mas a razão é que os palitos fabricam-se ha seculos, e a opera nacional principia, por assim dizer, agora a descobrir cantores portuguêses, a chamal-os, a incital-os, a reunil-os, num conjunto harmonico, para se desciplinarem e progredirem, a formar um grupo de opera nacional, como as nações civilisadas teem.

O grupo que o empresario Affonso Taveira conseguiu reunir, composto de primeiras partes por Delfina Victor, Isabel Fragoso, Julio Camara e Mauricio Bensaude conseguiu pôr em cena o *Barbeiro de Sevilha*, a *Bohemia* e a *Carmen*. Qualquer destas operas foram discretamente cantadas e teem-se mantido em cena alternadamente, com agrado do publico.

Mas se nos permitimos preferencias é pela *Carmen* que nos pronunciamos, e isto, talvez, porque a sua musica está mais com a nossa indole e os tipos dos personagens aproximando-se mais do nosso temperamento.

De facto satisfez-nos o dezempenho desta opera. Delfina Victor foi muito além da nossa espectativa no seu papel de *Carmen*. Poucas vezes temos ouvido cantar com tanta propriedade e graça a *habanera* do primeiro acto. No segundo acto foi admiravel nas dificeis situações que tem, e a cena das cartas, no terceiro acto, muito bem, mostrando todos os seus recursos de actriz e cantora no quarto acto.

Bensaude houve-se a toda a altura de seus meritos de cantor no caracteristico personagem de *Escamilho*, sustentando-se bem em toda a opera.

OPERA NACIONAL NO TEATRO DA TRINDADE — A «CARMEN» — 3.º ACTO

Julio Camara no papel de *D. José*, é o artista correto, delicado, com a sua voz apaixonada e meiga nos lances amorosos e exaltada nos momentos dramaticos ou tragicos, que de tudo tem a peça.

Isabel, na *Michaela*, sustenta bem seu papel de ingenua e que se casa á sua voz delicada e harmoniosa, cantando muito bem, principalmente a romanza do terceiro acto.

Os mais artistas que entram nesta apera, não desmancham o conjunto, no pouco que teem a cantar e animam até o desempenho como bons actores.

A opera está admiravelmente ensaiada na parte musical pelo maestro Luiz Filgueiras que consegue uma afinação de orquestra e córos perfeita e pouco vulgar.

O *mise en-scene* de Affonso Taveira é superior ao que temos visto no nosso primeiro teatro lirico, quer no scenario, quer na disposição e movimento das figuras, quer no guarda roupa, irrepreensivel.

Parece-nos que a opera nacional está lançada. Será preciso ainda muito trabalho para a enraizar, mas os elementos de progresso hão de ir aparecendo, e a presistencia de Affonso Taveira com a sua inteligente direção, ha de vencer as dificuldades inherentes a todas as inovações e que para os espiritos empreendedores é o maior estimulo.

Centenario da Guera Peninsular

No tempo dos franceses

Comedia-drama original

Por Florencio J. L. Sarmento

No tempo em que se está comemorando o centenario da guerra peninsular, não podia vir mais a proposito a publicação da obra teatral do sr. Florencio Sarmento, intitulada *No tempo dos franceses, comedia-drama em 4 actos e 6 quadros*, e que foi representada pela primeira vez, no teatro de D. Maria II, em a noite de 7 de dezembro de 1864, na recita e festa artistica da incomparavel actriz Delfina Perpetua do Espirito Santo.

O entusiasmo com que esta peça foi recebida pelo publico, consta dos jornaes da época, mas nós temos aqui um testemunho insuspeito da sua valia, numa carta de Francisco Palha dirigida ao autor, tão modesto quanto talentoso, como sempre manifestou em seus trabalhos que correm impressos, a alguns dos quaes já tivemos aqui ocasião de nos referir.

A carta de Francisco Palha, então Comissario Regio do teatro de D. Maria II, é como segue:

«Acabando de ler a sua peça *No tempo dos francezes*, vou por esta forma agradecer lhe os momentos de verdadeira satisfação, que a leitura d'ella me proporcionou. Não só pelo dever, que a lei do theatro me impõe, mas por muita devoção, vou tratar de pôr em scena o seu estimavel escripto.

«Apezar de não ter o gosto de o conhecer pessoalmente......... *Francisco Palha.*»

Luis Augusto Palmeirim, presidente que foi da comissão de cençura dramatica no Real Conservatorio de Lisboa, dando seu parecer sobre esta peça exprimio-se nos seguintes termos:

....

«Depois de Almeida Garrett, o fundador do moderno theatro portuguez, poucos auctores dramaticos teem explorado a historia patria, e menos ainda se teem dado a reproduzir, pela comodia, o viver intimo da nossa sociedade, e o modo de pensar dos nossos avós.

«O primeiro louvor a dar ao auctor da comedia-drama *No tempo dos francezes*, é ter escolhido um assumpto eminentemente portuguez, fazendo pensar e fallar as figuras da sua peça, sem requebros nem galas postiças, como está sendo vulgar em nosso theatro. Ha n'esta peça typos estudados do natural, como por exemplo, os da velha Michaela Simões, o do sargento, seu filho, o de Fr. João do Amor-Divino, que devem ser do agrado das nossas platéas, com especialidade o da boa e sincera sebastianista, por estar pintado sem sobrecarrego de cores.

«Concluindo, aprovo e louvo a peça intitulada *No tempo dos francezes*, não só pela atilada escolha do assumpto, mas pela forma litteraria, que o auctor lhe soube dar, caracterisando com exactidão as figuras, e fazendo-as fallar em portuguez castiço e desambicioso.»

Depois de citar estas autoridades literarias, só poderemos dizer, que a peça *No tempo dos franceses*, não está antiquada como não estão muitas das obras teatraes dos bons dramaturgos daquelles tempos, que postas hoje em cena são sempre apreciadas, como infelizmente não acontece a muitas peças modernas.

O teatro, como se sabe, constitue uma especialidade na literatura, em que muitos escritores reputados por suas obras, tem naufragado.

Para triunfar no teatro é preciso não só saber desenvolver a acção, movimentar as cenas e preparar os lances, como fazer falar as personagens no fraseado que é proprio a cada uma, e assim dar ao espectador a impressão da realidade, para que elle sinta e se comova.

Toda a obra teatral que obedeça a estes predicados é viavel, porque é natural, é humana.

E' o que encontramos na peça *No tempo dos francêses*, acrescido com o consciencioso estudo historico, e interesse das situações dramaticas, a belesa dos quadros que apresenta, como por exemplo o que se refere á vitoria das armas portuguêsas na gloriosa batalha do Bussaco, em que o celebre rigimento 19 se portou heroicamente.

Pôr este belo quadro ante os olhos de nossos leitores é levantar o espirito patriotico e relembrar uma das paginas mais gloriosas da historia patria.

E' do terceiro acto, quarto quadro:

SCENA XIII

D. Pedro de Mello e Traquinas *entrando pelo fundo da scena, logo depois* Manoel Simões *e alguns soldados, entrando armados pela direita do fundo; estes ensarilham as armas, e vão alguns para dentro da ultima barraca, e outros conservam-se no fundo da scena.*

D. Pedro *(já na scena)*. Então, sargento, que ha de novo? O que deu a descoberta?

Manoel Simões *(perfilando-se)*. Nada, meu capitão... nada de novo! Não se avista ninguem; não se vê viv'alma por esses caminhos. *(Pensativo, para si.)* Por mais que *parafuse*... não me posso recordar onde já vi aquelle homem de *ainda agora*; aquella cara não me é estranha... *(Indo para o fundo, pensativo... Olhando para fóra.)* Temos novidade, *(para D. Pedro, que se lhe tem aproximado)* meu capitão... vem ali... além... áquelle outeiro, um official... a cavallo... a toda a brida... Olhe... lá desce a encosta... vem para cá... Parece-me que é... não me engano... é... é o senhor D. Jorge!... acena com o lenço! *(Animado, para D. Pedro.)* Temos boa nova, capitão.

D. Jorge *(dentro, gritando)*. Victoria!

SCENA XIV

Os mesmos e D. Jorge *(a pé, entrando pelo fundo da scena) e* D. Anna, D. Leonor, *a Rapariga de Pinhel e* Michaela, *entrando pouco depois todos.*

D. Jorge *(entrando precipitadamente, muito animado)*. Victoria! Vencemos... vencemos a batalha!... Alcançámos uma grande victoria... além .. nas alturas da serra do Bussaco!

Michaela *(juntando as mãos)*. Bemdito sejaes, meu Deus!... *(Tira da algibeira o rosario, e resa.)*

D. Pedro. Vencemos!.. Conta nos tudo. Jorge; nada sabiamos ainda...

D. Jorge *(muito animado)*. Grande victoria, capitão .. Os valentes soldados francezes tiveram de recuar!... Custou muito sangue, é verdade, mas vencemos! Eu conto tudo O Marechal tinha escolhido as alturas do Bussaco... posição excellente onde a cavallaria inimiga pouco mal podia fazer. Os francezes atacaram nos hontem, ao romper do dia, com denodo... conforme elles costumam... seguiu-se um fogo... sempre continuado, até ás cinco horas da tarde! Mas, emfim, elles tiveram de retirar... com grandes perdas... Foi uma batalha renhida, capitão! e uma gloria para as nossas armas!

D. Pedro. E é uma grande lição que teve o *Anjo da Victoria*, o tal Massena!

D. Jorge. Lição!? e que lição! Os nossos soldados, pode-se dizer, quasi todos recrutas, atacavam com uma coragem admiravel! Carregavam á bayoneta, como se fossem soldados já muito aguerridos!... *(Virando-se para os soldados)* Ah! rapazes!... não ha nada como o nosso regimento 19!... *(Muito animado.)* Nós estavamos postados em linha de batalha ao pé do muro do convento do Bussaco... os francezes queriam desalojar-nos da nossa posição, atacaram-nos com furor... Era um fogo infernal... mas nós, firmes... não vacillámos!... Ouviu-se então uma voz nas nossas fileiras, que gritou: *á bayoneta, soldados!... á bayoneta... a elles!* Um momento depois... oh! que bella carga! era um muro de bayonetas!... os granadeiros franceses não puderam resistir... e quem havia de resistir!?... recuaram... fugiram! Demos uma brilhante carga! até os proprios inglezes, no meio da acção, romperam em vivas... applaudindo a valentia do nosso regimento!

Manoel Simões *(que se tem sempre conservado ao pé de D. Jorge, escutando com significativos signaes de enthusiasmo, muito animado, para D. Pedro de Mello)*. Ah... meu capitão! e não estarmos nós tambem lá, n'aquella boa refrega! *(Exaltado, para os soldados.)* Ah! rapazes... nada chega ao regimento de Cascaes.. viva o nosso regimento!...

Soldados. Viva o regimento 19!

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

(Continuado do n.º 1083)

No principio do seculo passado, o aspecto do largo chamado de S. Bento (por decisão da Camara, em sessão de 16 12 1881) era muitissimo diferente do que é hoje e tinha ainda alguma coisa de campesino. Por baixo do mosteiro havia um tanque de lavadeiras muito concorrido desta laboriosa classe, e para o lado do arco ficava um chafariz, que lá esteve até 1854 (1).

A concorrencia dos aguadeiros e das lavadeiras, juntava-se a frequencia dos almocreves e alquiladores que iam comprar verde e acomodar cavalos na cêrca do convento (depois de 1834, está bem de vêr) e tudo isto caracterisava fortemente o local, um tanto ou quanto perigoso de passar se a horas mortas. Só em 1834 é que a camara lá colocou o primeiro candieiro.

O tanque das lavadeiras foi demolido em 1838; a venda do verde e a acomodação de bestas veiu tambem a acabar mais tarde e, posteriormente, a construção de predios encostados ao muro da cêrca e da muralha que sustenta o taboleiro em frente das côrtes, transtornou de vez a face pitoresca do largo.

* * *

O actual mercado — coisa curiosissima é sempre um mercado — originou-se da falta sensivel de um nucleo mercantil na parte occidental da cidade.

Ahi por 1876 formára-se em Lisboa uma companhia de mercados e edificações urbanas a qual formulou um projecto, em seguida apresentado ao Municipio, depois do parecer da comissão das obras, em junho de 1877 (sessão de 18 desse mês e anno).

Foi o projecto approvado e a companhia obrigou-se a começar as obras dentro de um determinado prazo. Faltou, porém, a elle, e a camara viu-se obrigada a rescindir o contrato que tinha feito em 28 de julho desse anno.

Tres annos depois, (ignoro como se resolveu o incidente) acabou-se a construcção e a companhia requereu, em 30 de outubro de 1880, a respectiva licença para o mercado começar a funcionar em dezembro desse anno. Foi dada permissão em sessão de 15 de novembro, com a clausula de se ultimar a construção de uma cobertura de ferro, que ainda faltava, no prazo de um anno.

Não sei se a companhia faltou novamente ao que se estipulára, o que é certo é que a obra não ficou tão bem feita que não fosse preciso, logo em seguida, mandar proceder ao rebaixamento da rua e a outras obras, que a obrigaram a indemnisações, por ter o mercado ficado inferior ao nivel da via publica.

Tal foi o principio daquelle amontoado de taboas e folhas zincadas onde, contrariamente á idéa primitiva, que o destinava para venda de viveres, se albergam hoje, promiscuamente passa-

(1) Foi demolido neste anno, por deliberação tomada em sessão de 30 novembro afim de se concluirem as obras que o governo decidira fazer no local.

rinheiros, ferros-velhos, adelos, roupavelheiros e alfarrabistas, com o seu sujo mas sempre curiosissimo negocio.

Confesso-me desde já, á puridade, um dos maiores e mais constantes frequentadores do mercado e não dos peores compradores da sua mercancia.

Muitissimas vezes lhe atravesso as ruas centraes em feitio de *ipselon*, mirando com atenção os mostruarios onde se confundem objetos das mais diferentes proveniencias e dos usos mais variados, desde o molho de chaves ferrugentas ou dos sapatos restaurados á força de graxa até aos contadores de tremidos e aos aparelhos da India milagrosamente intactos. Apraz-me mirar aquella interminavel exposição de mil nadas, alguns dos quaes de hipotetica utilidade e de miseravel aspecto, e creio entrever em todos elles um capitulo de memorias. Ao comprar indiferentemente um desses objectos nenhum de nós pensa decerto nas lagrimas que custou a sua venda, na miseria que a motivou, nos mil motivos diversissimos, mas sempre dolorosos que a originaram.

Um prato da India, uma mantilha já sem côr, uma peça de mobilia, uma coisa de nada, representam ali o preço com que se matou muita fome.

Se dos roupavelheiros passarmos aos alfarrabistas temos sem duvida de entrar na loja do *mano João*, estreito corredor atulhado de livros empoeirados onde tenho comprado alguns volumes da minha escassa bibliotheca. Umas vezes por outras ali se nos deparam obras de pôlpa e livros bons de lei entre uma aluvião de oitavos e quartos esfarrapados e truncados e é vulgar, ao pé de dezenas de folhinhas do anno e de cadernos rabiscados de garatujas de creanças, toparmos com os sermões de Vieira ou com alguns dos tomos do grande Bernardes.

(Continúa.) G. DE MATOS SEQUEIRA.

Projeto para o novo teatro lirico no Porto

Vae para um anno que o teatro de S. João, no Porto, foi destruido por um incendio, em a noite de 11 para 12 de abril de 1908. Esse teatro fôra construido por iniciativa do corregedor da cidade Francisco de Almada Mendonça que promoveu uma subscrição entre os capitalistas daquella praça, e inaugurado em 13 de maio de 1798, com o primeiro espétaculo que ali se deu, solemnisando o anniversario do principe regente D. João.

A perda da primeira casa de espétaculos do Porto, produziu grande impressão na sociedade portuense, que assim ficava privada do seu teatro lirico e um dos melhores centros de reunião em as noites de inverno, onde convivia agradavelmente.

Essa impressão, porém, não a desanimou tanto, que não sugerisse a idéa de fazer um nôvo teatro, porventura mais luxuoso e modernisado, em harmonia com a época.

Neste sentido se empenharam logo varias influencias sendo o Club dos Fenianos Portuenses que mais se interessou, estando tambem a antiga empreza ou parceria do teatro, pronta a entrar com o terreno e o que houvesse de aproveitavel no edificio destruido, o que é importante.

De facto, aproveitar o existente, parece ser o mais pratico atendendo á parte economica, além do tempo que fórra á nova construcção, desde que se possam utilisar algumas paredes com seus alicerces, cuja construção é morosa.

Este problema parece resolvido pelo projeto agora apresentado pela empreza portuense a *Construtora* da firma Campos & Fonseca, e que reproduzimos em gravura.

Conforme este projeto, o novo teatro ocupará o mesmo espaço do antigo, o que é suficiente para a nova construção com todos os requisitos necessarios de um edificio deste genero moderno. Assim, principiando pelo aspéto exterior do teatro vê-se logo quanto é mais elegante e artistico do que o antigo, em suas decorações e linhas geraes. Na frontaria e lado do edificio que fica para a rua da Batalha, terá duas galerias sobre columnatas, de modo que as carruagens poderão chegar ás portas de entrada para os espétadores se apearem, abrigados da chuva e do frio. A sala fica com as mesmas tres ordens de camarotes, de vinte em cada ordem, não obstante construirem-se tres ordens de balcões a cada lado da bôca de cena, além do camarote real. Onde havia a antiga galeria muito baixa e acanhada, ficará uma galeria ampla em anfiteatro e com *promenoir*, acomodando uns 450 espétadores. A platéa poderá acomodar para cima de 400 pessoas. Esta sala em fórma eliptica, offerecerá as melhores condições acusticas e se estas o permitirem, o têto será em cupola envidraçada, podendo assim realisarem se espétaculos de dia com luz natural.

Cada ordem de camarotes tem seus gabinetes de toucador e o teatro será aquecido por meio de vapor de baixa pressão e iluminado a luz elétrica. Além do salão nobre de cem metros quadrados, terá na primeira ordem *foyer* para o publico, uma sala de fumo, *buffete*, etc.

Escadas e sahidas de segurança para o publico, em caso de sinistro.

O palco fica maior do que o antigo e separado da sala.

A execução deste projeto está orçada nuns cento e vinte contos de réis e poderá estar concluida em fins de 1910 de modo a ser inaugurado o teatro em dezembro.

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908. — *Catalogo Oficial da Secção Portuguêsa* — Organisado e elaborado por B. C. Cincinnato da Costa, Lente cathedratico do Instituto de Agronomia, membro do Conselho Superior de Agricultura, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, Membro honorario da Sociedade dos Viticultores de França, etc. — Lisboa — Tipografia A Editora — 1908.

Um volume de 630 paginas de texto e 7 estampas em separado, tudo impresso em papel superior e bélo tipo, com uma linda capa em cromo alegorica, predominando a figura do *Comercio*, vendo-se ao fundo o edificio da exposição portuguêsa e na frente os escudos das armas do Brasil e de Portugal.

Tem este catalogo um especial interesse para o nosso país, porque o plano que presidiu á reunião de produtos para enviar á Exposição, obedeceu á idéa pratica de que esses produtos fossem os que ordinariamente constituem a nossa industria, sem nada de especial para iludir o publico, mostrando realmente o que o país produz e o que póde fornecer, nas suas condições normaes de trabalho, para nos servirmos das proprias palavras, que se lêem na introdução. Assim o catalogo é uma ótima informação sobre o estado da industria portuguêsa, muito para ponderar.

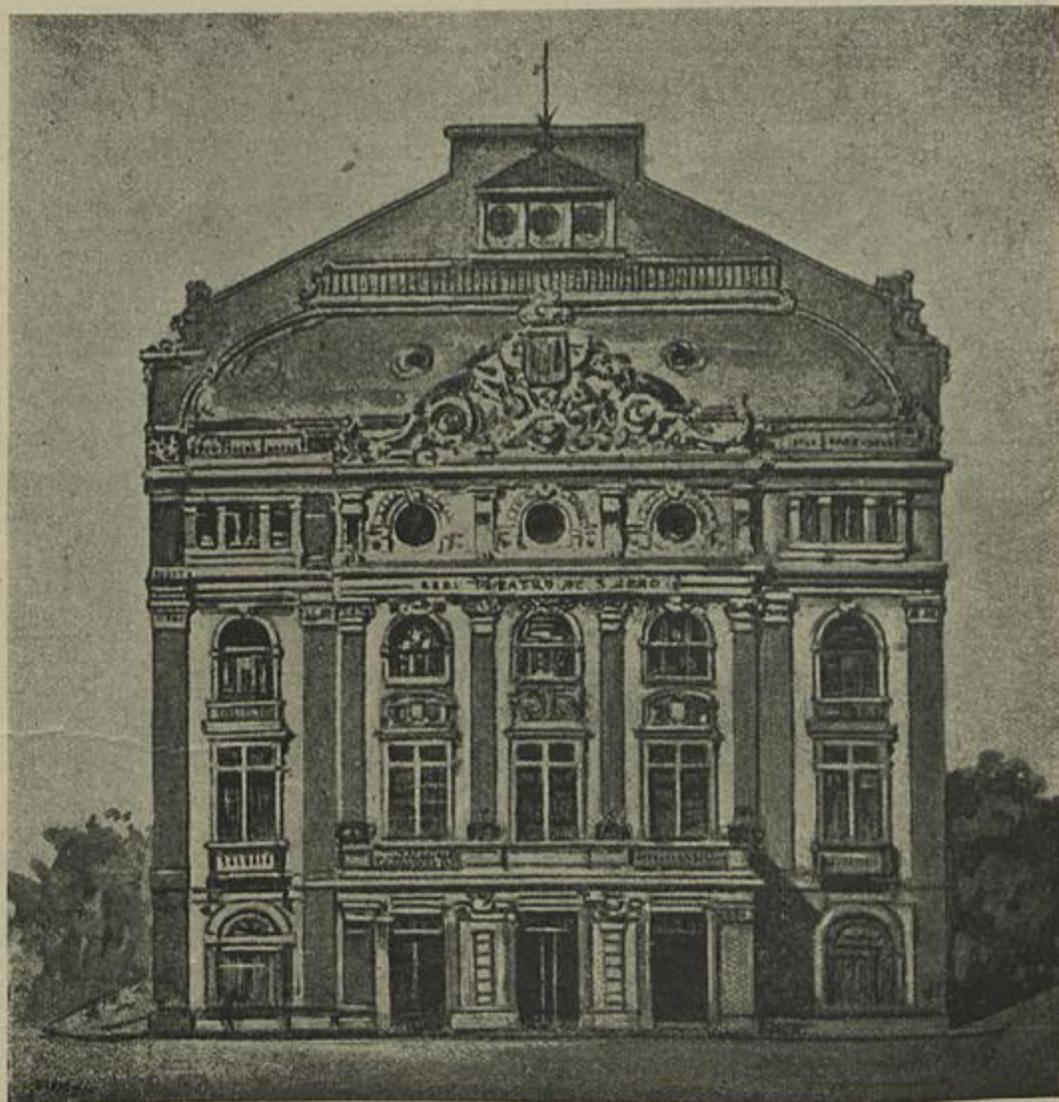
Sobre esta parte é grande o serviço que o sr. Cincinnato da Costa, a quem foi confiada a elaboração do catalogo, presta ao país, e só com os vastos conhecimentos que possue e seu grande amor de trabalho poderia fazer obra tão completa, muito especialmente se se attender ao tempo em que foi feita, não superior a 2 mezes, quando é certo que catalogos de outras exposições só tem aparecido um anno e mais depois das exposições fechadas!

Passando a somariar este catalogo encontramos representada em primeiro logar a industria vinicola por 157 expositores que apresentam 535 variedades. Portugal como país produtor de vinhos está em sexto logar, quanto á quantidade de produção, e ocupa o primeiro como exportador para o Brasil, numa media annual de 20:000 contos fracos ou cerca de 7:000 contos fortes ao cambio dos ultimos tempos. A exportação de outros paises, como Italia, França, Espanha, Allemanha, etc., toda reunida não chega a metade daquella quantia para o mesmo país.

A produção da cortiça representa tambem um resultado lisongeiro, sendo de 700:000 quintaes, ou 70:000:000 de kilogramas, quasi tanto como a dos paises produtores do mesmo artigo, Espanha, Algeria, França, Italia e Tunisia, reunidas.

O valor deste produto português eleva-se á media annual de 4:200 contos.

Com relação a azeites, a area ocupada em Portugal por olivaes é de 329:000 hectares e a sua produção normal de 450:000 hectolitros annualmente.

A exportação elevou-se em 1907 ao valor de 570:000$000 réis, sendo os principaes paises importadores, o Brasil, em primeiro logar, Inglaterra, Russia, Estados Unidos da America do Norte, Allemanha, Hollanda, Belgica, etc. O fabrico do azeite tem-se aperfeiçoado muito em

PROJETO PARA O NOVO TEATRO LIRICO DO PORTO
Pelo sr José Izidro de Campos

Portugal nos ultimos annos, e promete maior exportação.

O numero de expositores de azeites elevou-se a 132.

Dos produtos de origem animal, ou sejam os lacticinios, lãs, sedas, mel e cera, é a primeira que mais se tem desenvolvido no país, no fabrico de manteigas e queijos; as outras estão quasi em estado primitivo, não obstante ter havido tempo em que a seda teve maior cultura em Portugal. Os expositores destes produtos elevaram-se a 29, sendo a maior parte de laticinios.

Frutas sêcas ou preparadas em caldas, conservas alimenticias, constituem hoje uma importante produção para consumo no país e para exportação, com tendencia para se desenvolver, o que em parte depende de melhor saber preparar as frutas sêcas, bem acondicionadas, a poderem concorrer melhor aos mercados estrangeiros, atendendo tambem aos preços. Destas especialidades representaram se 30 expositores, o que nos parece pouco.

Mineraes e seus produtos são representados por 22 expositores.

A exposição de industrias manufatoras, é vasta em todas as manifestações do trabalho nacional e algumas ha, como por exemplo a de tecidos e fiação, que apresentam grande desenvolvimento, mercê da proteção das pautas e da exportação para a Africa.

Nos variados ramos de que se compõe estas industrias, todos se apresentam bem, e é visivel o seu progresso. São 15 as secções em que se devide contando cerca de uns trezentos expositores.

E' muito abundante a exposição de bélas-artes e artes aplicadas; obras literarias, scientificas e livros para escolas; artes graficas, etc., de tudo se fez representar nesta exposição, no pouco tempo que houve para a organizar, e basta dizer que o catalogo abrange 630 paginas para se dar idéa do numero de expositores que concorreram áquelle certamen.

Foi uma béla exposição e se os resultados, pelo que consta, não corresponderam á boa vontade com que todos acudiram ao apelo, isso foi devido, infelizmente, a circunstancias inesperadas e que transtornaram completamente as boas intenções com que tudo se havia preparado.

DESAFIO DE «FOOT-BALL» ENTRE PORTUGUESES E INGLESES
EM BENEFICIO DAS VITIMAS SOBREVIVENTES DOS TERREMOTOS DA SICILIA E CALABRIA

Este desafio realisou-se em 2 do corrente, no campo do Sporting Club de Portugal, no Lumiar, entre um grupo português e outro inglês composto dos melhores elementos de que dispõem os clubs filiados na Liga Portuguêsa de Foot-ball, que tomou a iniciativa. O grupo inglês era formado pelos melhores jogadores pertencentes ao Lisbon Cricket Club e Carcavellos Club. O grupo português organisado pelo sr. José Bello, que escolheu dos melhores jogadores do Sport Lisboa e Bemfica, Club Internacional de Foot-ball e Sporting Club de Portugal. Ficou vencedor o grupo português por quatro *goals* contra um. Foi juiz do campo o conhecido *sportsman* sr. Eduardo Luiz Pinto Basto.